

«... A toda nação,
tribo, língua
e povo.»

(Apoc. 14:6)



REVISTA ADVENTISTA

SUPLEMENTO MISSIONÁRIO
DO N.º 270

SUMÁRIO

O Bom Samaritano	Pág. 1
Mais bem-aventurada coisa é dar do que receber	Pág. 2
O que dizem do hospital do Bongo	Pág. 5
As razões da nossa crença	Pág. 8
Um médico adventista responde às nossas perguntas acerca da lepra	Pág. 10
O Maravilhoso Jesus	Pág. 13
A Acção espiritual, social e educativa da igreja Adventista em Moçambique	Pág. 14

LEGENDA DA CAPA:

«...A TODA NAÇÃO, TRIBO, LINGUA
E POVO»
(Apoc. 14:6)

SUPLEMENTO MISSIONÁRIO
DA
REVISTA ADVENTISTA

Director e editor: A. CASACA

Administrador: D. VASCO

Proprietário: UNIÃO PORTUGUESA
DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA

Redacção e Administração:

RUA JOAQUIM BONIFACIO, 17
LISBOA - 1

Composição e Impressão:

LITOGRAFIA TEJO

TELEF. 32 18 25 — LISBOA

PREÇO 5 \$ 00

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

FACTOS E NÚMEROS DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA

referente ao seu relatório
estatístico mundial de 1967

EXTENSÃO GEOGRÁFICA

Países da sua actividade:	192
Número de países existentes no mundo segundo a última estatística das Nações Unidas:	228

OBRA MÉDICA

Hospitais e sanatórios:	137
Ambulâncias e dispensários:	175
Lanchas e aviões missionários:	18
Doentes tratados em 1967:	4.350.000

OBRA DE ASSISTÊNCIA

Pessoas socorridas anualmente no mundo	9.682.000
Valor de géneros alimentícios e de artigos de vestuário distribuídos no mundo durante 1967:	800.000.000\$00

OBRA EDUCATIVA

Número de escolas:	4.848
Número de professores:	17.528
Número de estudantes:	379.704

O BOM SAMARITANO



E eis que se levantou um certo doutor da lei, tentando-o, e dizendo: Mestre, que farei para herdar a vida eterna?

E ele lhe disse: que está escrito na lei? Como lês?

E, respondendo, ele disse: Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, é de todas as tuas forças, e de todo o teu entendimento, e ao teu próximo como a ti mesmo.

E disse-lhe: Respondeste bem; faze isso e viverás.

Ele, porém, querendo justificar-se a si mesmo, disse a Jesus:

E quem é o meu próximo?

E, respondendo Jesus, disse:

Descia um homem de Jerusalém para Jericó e caiu nas mãos dos salteadores, os quais o despojaram, e, espancando-o, se retiraram, deixando-o meio morto. E, ocasionalmente, descia pelo mesmo caminho certo sacerdote; e, vendo-o passou de largo: E de igual modo também um levita, chegando àquele lugar, e vendo-o, passou de largo.

Mas um samaritano, que ia de viagem, chegou ao pé dele e, vendo-o, moveu-se de íntima compaixão, e aproximando-se, atou-lhe as feridas, deitando-lhe azeite e vinho; e, pondo-o sobre a sua cavalcadura, levou-o para uma estalagem, e cuidou dele. E partindo ao outro dia, tirou dois dinheiros, e deu-os ao hospedeiro e disse-lhe: Cuida dele; e tudo o que de mais gastares eu to pagarei, quando voltar.

Qual, pois, destes três te parece que foi o próximo daquele que caiu nas mãos dos salteadores?

E ele disse: o que usou de misericórdia para como ele.

Disse, pois, Jesus: Vai, e faze da mesma maneira!

(S. Lucas 10:25-37).

MAIS BEMAVENTURADA COISA É DAR DO QUE RECEBER

(Actos 20 : 35)

Quando Jesus andou na Terra, de muitas maneiras procurou Ele impressionar a mente dos Judeus daquele tempo com a verdade de que o egoísmo é uma das mais graves doenças que atingem todas as juntas e medulas da alma, privando-a da verdadeira vida, a única que merece ser vivida.

Certa vez, e em resposta a uma pergunta que visava servir propósitos egoístas, Ele declarou: «Acautelai-vos e guardai-vos da avareza; porque a vida de qualquer não consiste na abundância do que possui» (S. Lucas 12:15). E, a seguir, propôs uma parábola que, acertadamente, se intitulou «A Parábola do rico insensato». Em que consistia a sua insensatez? Aquele homem era «louco» aos olhos de Deus porque, depois de haver feito ampla provisão para as suas necessidades temporais e físicas, havia negligenciado preparar-se para a vida futura; não pensava em Deus de Quem havia recebido todas as dádivas. Não reconhecia a necessidade — ou privilégio — de se tornar despenseiro das graças de Deus, socorrendo os necessitados. Não, ele pensava unicamente em si próprio, no seu bem-estar. Não se condoía com a situação do pobre, do órfão, da viúva, do enfermo, do aflito. Não pensou nunca em libertar das privações o faminto ou em vestir o nu. Cerrava o seu coração ao clamor do indigente. Vivia como se Deus não existisse.

É natural que os seus amigos o louvassem por sua atitude e o honrassem como homem de bom discernimento, porque, como diz o Salmista: «Os homens louvam-te, quando fazes bem a ti mesmo». No entanto, ele acrescenta: «Estes nunca verão a luz» (Salmo 49:18, 19). A parábola termina com uma nota bem triste: «Louco, esta noite pedirão a tua alma e o que tu tens preparado para quem será?».

Vivendo para a satisfação do próprio eu, esse homem rejeitou o amor de Deus; «Deus é amor», e, amor é vida.

É uma verdade tantas vezes ilustrada na Palavra de Deus que o Criador, Senhor e Possuidor dos Céus e da Terra, colocou o homem neste mundo como despenseiro da Sua graça. Um antigo poeta disse: «a riqueza é a nutriz de todos os males». Haverá algum fundamento nesta asserção? De modo nenhum. O dinheiro não é culpado da corrupção que há no mundo. «O amor do dinheiro é que é a raiz de todos os males» (I Timóteo 6:10)), mas não o dinheiro em si. O mal não está no dinheiro mas nos que o usam. Ele pode ser usado para o mal mas pode, igualmente, ser usado para o bem.

No presente estado da humanidade de pecado e miséria, o dinheiro é uma excelente dádiva de Deus, correspondendo aos mais nobres fins. Nas mãos de Seus filhos é o alimento do faminto, a bebida do sedento, o vestuário dos nus. Por meio dele podemos ser defesa do oprimido, remédio do enfermo, consolação

do aflito; ele pode ser olhos do cego e pés do estropiado; ele pode ser ainda a libertação das portas da ignorância, da superstição, do medo ou do vício.

O homem, no seu estado de queda, é, muitas vezes, inclinado a acreditar-se dono e senhor das coisas que, por diligência ou acaso de nascimento, lhe vieram ter às mãos; mas a razão esclarece-nos que, embora um indivíduo possua milhões em ouro e prata, ele deve morrer e deixar a outros toda a sua riqueza. Nem terras, nem casas pode ele levá-las consigo; e, vindo nu ao mundo, dele nada poderá levar.

Daqui se infere que o homem é, apenas, o depositário dos bens que o Criador houve por bem confiar à sua guarda e dos quais pedirá estritas contas no dia do ajuste final.

Neste aspecto, tem sido notável a acção das Missões Adventistas no mundo e, particularmente, nesta querida terra de Angola. Esta acção missionária cristã está produzindo resultados encorajadores. Como dizia alguém que há tempos visitou Angola: «é no meio da selva que se vê melhor o contraste entre os seres humanos abandonados a eles mesmos e os outros que têm a alegria de beneficiar de escolas e instituições missionárias — os primeiros encontram-se sujos e supersticiosos, escondidos nas trevas da ignorância; os outros, ao contrário, apresentam-se limpos, livres do medo, sabendo ler e escrever, tendo aprendido os benefícios do trabalho, criando confiança no missionário que veio de longe e se compadeceu de suas misérias, ajudando-os a alcançar a dignidade de filhos e filhas de Deus».

Esta força que impele homens e mulheres a abandonarem as suas famílias e o conforto da civilização, para virem e fecharem-se num isolamento que põe à

prova a têmpera dos nervos, outra não é senão a força misteriosa do amor, inspirada na não menos misteriosa vida e exemplo do humilde Carpinteiro de Nazaré. Estes apóstolos do bem são amparados no seu sacrifício pelas orações e donativos generosos das almas bem formadas e cheias de boa vontade.

A Igreja Adventista crê que cuidar dos necessitados é de tanta importância como pregar o evangelho. De resto, a prática dos princípios evangélicos consiste em amenizar o sofrimento da humanidade. Pregar doutrinas e interpretar a Profecia sem cuidar dos necessitados, sob qualquer forma, não teria nenhum valor diante de Deus. A pregação do Evangelho é coisa necessária; a interpretação da Profecia é de suma importância; mas, uma e outra, devem estar ligadas



ao amor, à bondade que se traduzem por um espírito de sacrifício e devotado a favor dos que sofrem. Foi este o ensino fundamental de nosso Senhor Jesus Cristo. Ele é o coração e a vida do cristianismo. De nada valem as cerimónias ou o ritual bem organizado, mas sim a caridade, o genuíno amor ao próximo o que tem valor.

Os Adventistas buscam pôr isto em prática, à medida que, através de suas escolas, vão abrindo, pacientemente, o espírito dos naturais de Angola à luz do conhecimento; à medida que, num labor insano, quase sobre-humano, lhes levam, através do seu hospital e dispensários, a cura das suas feridas e os ajudam a evitar as doenças.

A título de curiosidade, apresentamos, a seguir, alguns números e factos que atestam da veracidade do que atrás afirmamos. Durante o ano de 1968, o movimento do Hospital do Bongo foi o seguinte:

Consultas	15.449
Tratamentos e curativos	64.200
Injecções	25.661
Doentes hospitalizados	1.991
Dias de hospitalização	16.587
Cirurgia maior	748
Cirurgia menor	368
Partos	280
Número de camas	101

Contamos, mais uma vez, com a generosidade e compreensão de tantos amigos que, habitualmente, contribuem, de coração, para esta obra que só terminará quando Jesus Cristo vier a este mundo pôr termo ao sofrimento e ao mal. Mas contamos, também, com o auxílio de outros que, este ano, virão engrossar as fileiras dos nossos já numerosos amigos.

Vimos pedir para dar, porque... «mais bem-aventurada coisa é dar do que receber».

JUVENAL GOMES

*(Secretário-Tesoureiro das Missões
Adventistas em Angola)*

O QUE DIZEM DO HOSPITAL DO BONGO

Num jardim geralmente encontramos flores de todas as espécies e variedades. Sendo o jardim bem tratado raramente encontramos ervas daninhas. Mas por muito bem tratado que seja um jardim, se houver roseiras, lá também encontraremos espinhos. O jardineiro experiente não se preocupa com os espinhos. Seus pensamentos concentram-se nas roseiras e nas suas lindas flores. E aprende a tratar das roseiras e a colher as rosas sem se ferir com os espinhos. E no caso de se ferir acidentalmente, não desanima por isso.

Gosto de pensar em Angola como um lindo jardim com muitas possibilidades. E comparo os seus habitantes a um roseiral — há nele roseiras de todas as espécies e variedades. Em certos aspectos parte das minhas actividades têm sido as de um jardineiro. E nesta função tenho tido a honra de fazer contacto com muitas pessoas através da Província, sobretudo no interesse da obra de assistência da Missão Adventista, bastante conhecida por causa do Hospital do Bongo e dos seus médicos missionários, Dr. R. B. Parsons e seu filho, Dr. David J. Parsons, e também seu filho analista, Roberto M. Parsons. A obra deste Hospital e dos seus médicos, segundo o testemunho do público que tenho visitado nestes últimos 18 anos, muito tem contribuído para tornar este jardim ainda mais lindo, especialmente o seu roseiral, pois muitas vezes tenho ouvido o testemunho espontâneo nos seguintes termos:

1. "Meu pai encontrava-se muito doente e desenganado. O Dr. Parsons, sob a bênção de Deus, salvou-lhe a vida."
2. "Minha mãe andava muito atrapalhada. Ninguém conseguia descobrir a sua doença. Fomos ao Bongo. O Dr. Parsons curou-a." (Dizemos nós: 'Não foi o Dr. Parsons que a curou, Deus serviu-se do Dr. Parsons como Seu instrumento para curá-la').
3. "Minha filhinha andava a tomar muitos remédios e andava sempre doente. Fartávamo-nos de gastar dinheiro com consultas e remédios e ela andava sempre na mesma. Fomos ao Bongo. O Dr. Parsons examinou-a cuidadosamente. Mandou-nos retirar todos os remédios e deixá-la à vontade, o que fizemos. Agora anda boa e tão cheia de vida que não parece a mesma criança."
4. "Andava doente do estômago e com uma indisposição geral. Gastava dinheiro com médicos e remédios sem resultado. Ouvi falar no Bongo e no Dr. Parsons. Viajei mais de mil quilómetros para ir consultá-lo. Examinou-me minuciosamente. Depois interrogou-me acerca do meu trabalho, meus hábitos de vida, meus divertimentos, etc. (Eu era daqueles que, com os amigos, ao serão, só deixava de jogar as cartas quando a garrafa de whisky estava vazia). No fim receitou-me uns comprimidos e disse-me: Se o Sr. quer ter saúde, 1) deixe de fumar, 2) deixe de beber (bebidas alcoólicas), 3) deixe as paródias, e 4) case-se. Já fiz as primeiras três coisas e encontro-me bem. Qualquer dia hei-de casar-me para completar o tratamento."
5. "Minha mulher definhava de dia para dia. Receava que viesse a morrer, deixando-me com os filhos para criar. Ninguém atinava com a sua doença. Finalmente levei-a ao Dr. Parsons. Este examinou-a cuidadosamente mas não encontrou qualquer doença constitucional. Depois do exame interrogou-a quanto à vida doméstica, se tinha alguma



coisa que a perturbava. Ela confidenciou-lhe que andava muito contrariada e abatida moralmente, que sentia-se muito infeliz porque havia descoberto a minha infidelidade conjugal — em outras palavras, as minhas leviandades, pois eu tinha uma amante. O Sr. Dr. Parsons mandou-me chamar para uma entrevista particular. Nessa entrevista disse-me: 'Amigo, se o Sr. não quiser fazer o enterro da sua Esposa dentro de 30 dias, acabe com as suas leviandades.' Admiti-lhe que era assim, mas que havia de emendar-me. Voltei para a Pousada a um quilómetro, reconciliei-me com minha mulher, pedi-lhe perdão, prometi-lhe fidelidade e renovámos nossa lua de mel. No dia seguinte ela e eu demos alguns passeios pelos arredores da Missão. Ela já não estava doente. Estava completamente curada. O Dr. Parsons ao examiná-la novamente encontrou-a com saúde e feliz. Disse-nos que podíamos voltar para casa." Sua doença era moral, emocional.

6. "Fui ao Bongo para o Dr. Parsons tirar-me uma catarata do olho, estive internada no Hospital. Causou-me admiração eu, uma pobre quitandeira, analfabeta e sem recursos, ser tratada tão bem como as senhoras ricas que estavam ao meu lado. O que elas comiam também eu comia. As frutas que o Hospital lhes fornecia também fornecia a mim. O tratamento era o mesmo para todos. Nunca poderei esquecer o Dr. Parsons e o seu pessoal. Trago o Bongo no meu coração."

7. "Fui à Metrópole passar as férias. Adoei. Consultei um médico que me disse precisar de uma operação. Resolvi voltar a Angola e ir ao Bongo. Fui operada pelo Dr. Parsons. Graças a Deus encontro-me bem. Tenho muita fé nele."

Uma certa percentagem dos doentes que procuram o Bongo sofrem de doenças (se a isso podemos chamar doença) emocionais. Para esses efeitos o médico terá que ser uma combinação de ministro do evangelho ou sacerdote bastante conhecedor da Bíblia, homem essencialmente religioso que comunga com Deus, psicólogo e psiquiatra, disposto a demonstrar-se uma, duas ou três horas com o doente. Terá que ser mais do que médico, e terá que fazer sacrifícios para ajudar seus consulentes. Eis outro exemplo que nos foi relatado numa das nossas viagens (os médicos não nos contam nada):

8. "Andava doente. Depois de passar pelas mãos de vários médicos e gastar uns bons milhares de escudos em medicamentos sem resultado, fui ao Bongo consultar o Dr. Parsons. Examinou-me de fora a fora. Depois mandou-me sentar no seu consultório e começou a conversar comigo. Após eu lhe ter falado do meu trabalho, dos meus aborrecimentos, das minhas arrelias, deu-me o seguinte conselho: 'Procure outro patrão.' Voltei para casa arranjei outro emprego com outro patrão. Felizmente, desde então encontro-me bem. A doença desa-

pareceu como por magia." O médico descobriu a existência de uma incompatibilidade entre este empregado e seu patrão. A cura estava na mudança de patrão e de ambiente.

Prestigiamos o trabalho e o esforço dos médicos particulares e do Estado que através do seu dedicado esforço procuram amenizar os sofrimentos nas cidades e vilas da Província, onde não lhes falta, supomos, clientela. Mas sempre existem aqueles casos que precisam ser atendidos num lugar como o Bongo. Para estes o Bongo continua e continuará a ser uma necessidade. E não podemos esquecer nem devemos omitir o bem que o Bongo representa para os europeus dos arredores e de uma maneira especial para a população nativa num raio de 50 ou mais quilômetros em seu redor, e que procura o Hospital diariamente às dezenas (e às vezes parece-nos às centenas) para consultas, tratamentos, ou operações. Posto que os nativos vão tirando cada vez mais vantagens da existência do Hospital, lamentamos haver ainda casos em que os doentes só aparecem quando já é demasiado tarde, e no caso de algumas parturientes, depois de gastarem inútilmente todas as suas forças no quimbo, tentando resolver por métodos primitivos os problemas que facilmente teriam encontrado uma feliz solução nas mãos competentes do pessoal hospitalar! Poderíamos relatar muitos outros casos que nos foram confiados por pessoas gratas com as quais temos feito contacto, mas bastam estes para indicar o reconhecimento do público, sem distinção de ocupação, cor, credo, raça, situação financeira ou cultura. Os nossos médicos não têm a pretensão de serem infalíveis ou de acertarem sempre. Mas a sua humildade, a sua franqueza, o seu reconhecimento de que são instrumentos nas mãos de Deus para aliviar os sofrimentos, e de que necessitam do auxílio de Deus para acertarem em todas as consultas e serem bem sucedidos em todas as operações, fica-lhes bem. E impressiona os doentes e suas famílias. Muitos dizem: "Só a fé que temos já é meia cura."

O Bongo é um lugar muito simples, despretençioso, nada aparatoso. Suas instalações são muito modestas. Mas é uma instituição de Deus para aliviar os sofrimentos. Posto que humilde e limitado, depois de mais de 40 anos ao bem do público, continua a prestar um serviço que ainda é muito apreciado através da Província. E a sua localização no mato, junto da natureza arborizada, onde os doentes adormecem e acordam ao som melodioso e suavizante da passarada, numa atmosfera livre dos ruídos, do pó e da fumaça das cidades, a respirar o puro ar planáltico, também tem o seu bom efeito.

O Hospital fica a um quilómetro da pequena povoação do Bongo, a 18 quilómetros do Longonjo, em sentido noroeste, a 17 do Lépi e a 67 de Nova Lisboa em sentido nordeste. É servido por um campo de aviação do Estado, que fica junto da povoação, e por estradas que o ligam directamente com o Longonjo, Lépi, Caála, Nova Lisboa, Catata e todos os pontos da Província.

Cumpre-nos incluir uma palavra de reconhecimento para com outros médicos missionários que têm contribuído no passado para o bem da Província de entre os quais destacamos o Dr. W. Strangway, da Chissamba; Dr. MacMillan, do Bunjei; Dr. Brechet, de Caluquembe; Dr. Miguel, do Vouga; Dr. Hastings, da Bela Vista.

E cumpre-nos prestar o nosso reconhecimento para com as pessoas amigas que, compreensíveis e admiradoras daquilo que se procura fazer, manifestam a sua simpatia quando com elas fazemos contacto nas nossas visitas anuais.

E. V. H.

AS RAZÕES DA NOSSA CRENÇA

«...E estai sempre preparados para responder com mansidão e temor a qualquer que vos pedir a razão da esperança que há em vós.» (I S. Pedro 3:15).

Durante muito tempo se apregoeou aos quatro ventos a famosa expressão do «credo quia absurdum» (creio, porque é absurdo). Deus não impõe nenhuma crença absurda; a revelação implica os denominados mistérios que não são absurdos, mas apenas transcendem a capacidade da nossa compreensão. Contudo, a sua aceitação depende da autoridade de Deus revelante, que nem se engana, nem nos quer enganar. Por isso, muito bem se diz que a fé é um *obséquo racional*, porquanto está garantida pela autoridade da testemunha.

Assim, como nos diz o Apóstolo S. Pedro, devemos «estar sempre preparados para responder com mansidão e temor a qualquer que nos pedir a razão da esperança que há em nós».

A Igreja Adventista do Sétimo Dia foi organizada nos meados do século passado e é formada por crentes que assentam a sua fé na Sagrada Escritura. Não nega o valor da Tradição, desde que esta não contradiga o que está divinamente revelado na Palavra de Deus. Por isso, as doutrinas da Igreja Adventista são as mesmas que viveram os Apóstolos e os Discípulos do Salvador e que se encontram registadas na Bíblia.

Tem a designação de *Adventista* porque acredita e anuncia ao mundo o próximo Advento de Jesus, ou seja a sua Segunda Vinda, conforme se diz no *Credo*: «... (Jesus) ...subiu aos céus, donde há-de vir, no fim do mundo, julgar os vivos e os mortos». Pode, pois, dizer-se que o Cristianismo é essencialmente Adventista; o pensamento da Segunda Vinda do Redentor é o tema dominante de todo o Novo Testamento; tudo se orienta no Novo Testamento para a Segunda Vinda de Jesus, o seu Segundo Advento. A igreja Adventista prega, portanto, com o maior zelo, a boa nova da próxima Volta de Jesus. Foi o próprio Jesus que nos deu os sinais da sua Vinda. Não indicou o dia, nem o mês, nem o ano. Mas, como sempre sucede com os grandes acontecimentos, que Deus promete pré-anunciar — assim também tinha de ser com o maior evento da História, que é e será o Segundo Advento de Jesus. Por tais factos estamos convencidos de que nos encontramos nos tempos do fim da História deste mundo, porquanto se estão desenrolando, plena e exuberantemente, os sinais anunciados por Jesus, indicando a sua gloriosa Volta a este mundo «para julgar os vivos e os mortos», conforme a profissão de fé dos Cristãos. Logo, dizer *cristão* é dizer *adventista*, porquanto o cristão é aquele que aguarda a Volta do seu Salvador.

Mas dizemo-nos, além de *Adventistas*, também, do *Sétimo Dia*. Esta designação implica a guarda daquele único dia da semana que Deus mandou guardar na sua santa Lei, precisamente no IV Mandamento, que diz: «Lembra-te do dia de Sábado para o santificar; seis dias trabalharás e farás toda a tua obra. Mas o sétimo dia é o Sábado do Senhor teu Deus: não farás nenhuma obra, nem tu nem teu filho, nem tua filha, nem teu servo, nem teu animal, nem o teu estrangeiro, que está dentro das tuas portas; porque, em seis dias fez o Senhor os céus e a terra, o mar e tudo que neles há, e ao sétimo dia descansou: portanto abençoou o Senhor o dia do Sábado, e o santificou.»

O que Deus promulgou no Sinai nunca foi nem pode ser revogado, porque a Lei de Deus traduz a essência divina e esta é imutável.

É por isso que os *Adventistas do Sétimo Dia* pregam a todo o mundo uma mensagem de esperança. Por detrás das negras nuvens que se acastelam sombriamente sobre o horizonte político e social do mundo, os *Adventistas* descortinam, ao mesmo tempo, pela fé, a aurora de um feliz dia que se aproxima rapidamente, dia este que será o da Vinda gloriosa do Salvador, que solucionará todos os problemas que, presentemente torturam a humanidade que não é capaz de os solucionar.

Fiel à indicação de Jesus que disse «E este evangelho do reino será pregado em todo o mundo, em testemunho a todas as gentes, e então virá o fim.» (S. Mateus 24.14) — fiel a esta indicação de Jesus, a Igreja Adventista procura levar a toda a parte o conhecimento do Evangelho do Reino, que é, precisamente, a pregação da Palavra de Deus, tal como se encontra registada nas Sagradas Escrituras.

A. CASACA

*Presidente das Missões de Angola
dos Adventistas do Sétimo Dia*

A PERGUNTA MAIS PERTINENTE DESTES NOSSOS DIAS:

«QUE FAREMOS DE JESUS?»

Incumbe-nos mostrar Jesus ao mundo, respondendo assim, ao pedido de muitas almas que estão sequiosas de beber da água da vida eterna, que só Jesus pode dar.

Incumbe-nos seguir as pegadas de Jesus, que andou neste mundo fazendo o bem.

Incumbe-nos chamar muitas almas para Jesus, pois por todas elas derramou o seu precioso e divino sangue.

Um médico adventista responde às vossas perguntas acerca da lepra



Dr. Samuel Ribeiro

Que é a lepra?

Também conhecida por doença de Hansen, é uma doença contagiosa crónica que afecta a pele e os nervos periféricos e, em certos casos, também as vias respiratórias superiores, olhos, ossos, testículos, etc. Há várias formas, algumas apresentando extensas destruições dos tecidos do corpo.

Qual é a causa da lepra?

É uma bactéria, o bacilo da lepra, cientificamente denominado *Mycobacterium leprae*.

É muito contagiosa?

Não, sendo necessário um contacto íntimo com o doente. A transmissão é influenciada pelas más condições sociais, de higiene, habitação e saúde da pessoa exposta.

Quanto demora o período de incubação?

É muito variável, desde alguns meses até 6 a 8 anos ou mais. Um caso conhecido levou mais de 20 anos a incubar.

Atinge qualquer sexo e idade?

Sim, sendo no entanto os lactentes e crianças pequenas mais susceptíveis do que os adultos.

Quanto tempo demora a cura?

Apesar dos modernos derivados das sulfonas e outras drogas, ainda é cedo para saber se há cura ou apenas paragem da doença. Esta tanto se pode apresentar sob uma forma ligeira como ser a mais repulsiva doença que ataca o homem. O êxito do tratamento depende do tipo de lepra, da saúde geral do enfermo, da concentração e distribuição dos bacilos no corpo e da resistência deste.

Aparecerão novos remédios que extinguirão rapidamente a lepra?

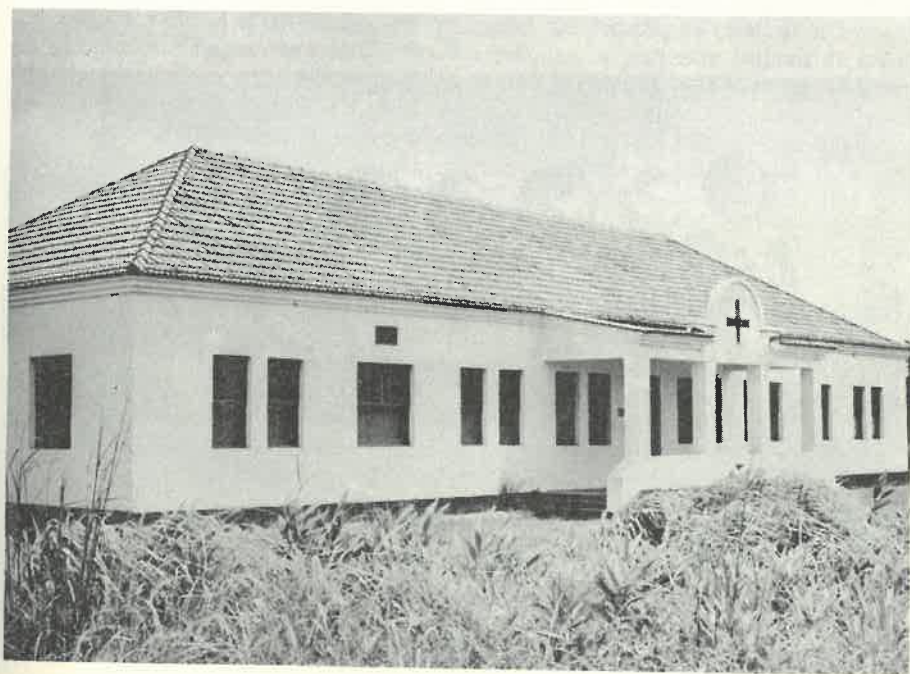
Difícilmente! Embora as sulfonas tenham revolucionado o tratamento este é ainda um longo processo. Depende grandemente dos cuidados prestados ao doente e da melhoria das suas condições de vida, alimentação e higiene.

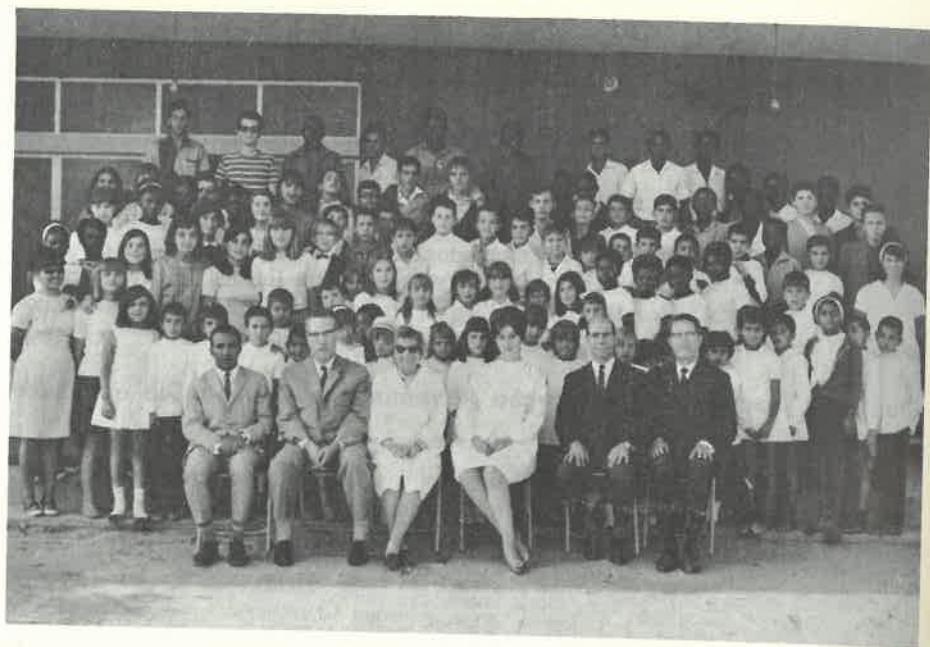
Existem muitos casos de lepra no mundo?

Cerca de 12 a 15 milhões, disseminados sobretudo em África, ilhas do Pacífico Sul, Índia e Brasil. Há alguns milhares de casos na Europa sobretudo mediterrânica, dos quais cerca de dois mil em Portugal continental onde há longos anos está em curso um eficiente programa para a sua extinção.

Que está fazendo a Organização Adventista do Sétimo Dia em favor dos leprosos?

Oito hospitais, oito leprosarias e seis dispensários localizados em vinte países, dedicam-se quase exclusivamente ao tratamento dos leprosos. Além disso, dezenas de outros hospitais adventistas tratam da lepra como parte do seu programa de consultas externas.





O MARAVILHOSO JESUS

Enquanto viveu entre os homens, o nosso Salvador participou da sorte dos pobres. Conhecia por experiência os seus cuidados e asperezas, e podia confortar e animar a todos os humildes obreiros. Os que possuem verdadeira concepção dos ensinamentos de Sua vida, não pensarão nunca que se deva fazer distinção de classes, que os ricos devam ser honrados de preferência aos pobres dignos.

Jesus punha em Seu trabalho alegria e tacto. Muita paciência e espiritualidade se requerem para introduzir a religião bíblica na vida familiar e na oficina, suportar a tensão dos negócios do mundo, e todavia conservar as vistas unicamente voltadas para a glória de Deus. Aí é que Jesus foi um auxiliador. Nunca estava tão cheio de cuidados do mundo que não tivesse tempo para pensar nas coisas que são de cima. Expressava frequentemente o contentamento que Lhe ia no coração, cantando salmos e hinos celestiais.

Muitas vezes ouviram os moradores de Nazaré Sua voz erguer-se em louvor e acções de graças a Deus. Entretinha em cânticos comunhão com o Céu; e quando os companheiros se queixavam da fadiga do trabalho, eram animados pela doce melodia de Seus lábios. Dir-se-ia que Seu louvor banisse os anjos maus e, como incenso, enchesse de fragância o lugar em que Se achava. O espírito dos ouvintes era afastado de seu terreno exílio, para o lar celestial.

Jesus era a fonte de vivificante misericórdia para o mundo; e durante todos aqueles retirados anos de Nazaré, Sua vida fluía em correntes de simpatia e ternura. Os velhos, os sofredores, os oprimidos de pecado, as crianças a brincar em sua inocente alegria, as criaturinhas dos bosques, os pacientes animais de carga — todos se sentiam mais felizes por Sua presença. Aquele cuja palavra poderosa sustinha os mundos, detinha-Se para aliviar um pássaro ferido. Nada havia para Ele indigno de Sua atenção, coisa alguma a que desdenhasse prestar auxílio... Assim, à medida que Se desenvolvia em sabedoria e estatura, crescia Jesus em graça para com Deus e os homens. Atraía a simpatia de todos os corações, mediante a capacidade que revelava de Se compadecer de todos. A atmosfera de esperança e valor que O circundava, tornava-O uma bênção em todo o lar.

Jesus é o nosso exemplo. Muitos há que se detêm com interesse sobre o período de Seu ministério público, enquanto passam por alto os ensinamentos dos Seus primeiros anos. É, porém, na vida doméstica que Ele é o modelo de todas as crianças e jovens. O Salvador condescendeu em ser pobre, para poder ensinar quão intimamente podemos nós, em uma vida humilde, andar com Deus. Viveu para agradar, honrar e glorificar o Pai nas coisas comuns da vida. Sua obra começou por consagrar o humilde ofício de operário que labuta para ganhar o pão quotidiano. Quando trabalhava no banco de carpinteiro, fazia tanto a obra de Deus, como quando operava milagres em favor da multidão. E todo o jovem que segue o exemplo de Cristo na fidelidade e obediência em Seu humilde lar, pode reclamar aquelas palavras proferidas a respeito d'Ele, pelo Pai, por intermédio do Espírito Santo: «Eis aqui o Meu Servo, a quem sustenho, o Meu Eleito, em quem se compraz a Minha alma.» Isaías 42:1.

E. G. W.

A ACÇÃO ESPIRITUAL, SOCIAL E EDUCATIVA DA IGREJA ADVENTISTA EM MOÇAMBIQUE

Há dias, perguntava-me um amigo: «Valem a pena as Missões»? Que proveito advém de tanto dispêndio e sacrifício num tal empreendimento? Recebeis algum sinal de apreço da parte das pessoas em favor das quais exerceis a vossa acção? Este amigo, desejou ir ainda um pouco mais longe nas suas perguntas, e continuou: «Tendes alguma prova de que aqueles que recebem a influência da vossa acção missionária se tornam melhores homens e mulheres no seu viver quotidiano e também melhores cidadãos? Podem, porventura as missões religiosas fazer alguma coisa para elevar os povos que vivem mergulhados no vício, na idolatria e superstição, à posição que pretendeis dar-lhes de súbditos do Reino de Cristo e de um mundo melhor?»

As pertinentes perguntas do meu amigo, que considero sinceras e oportunas, retorqui, formulando eu próprio uma pergunta: Se a acção da obra missionária no mundo não cumprir o elevado propósito que as perguntas do meu amigo preconizam, quais serão então os meios ou os sistemas existentes na Terra que o poderão realizar?

Os homens de ciência, apesar das suas assombrosas descobertas, são impotentes para resolver os problemas morais e espirituais da humanidade. É aí que reside, devemos afirmá-lo, a causa da fraqueza da nossa civilização, que de tantas proezas se orgulha.

Hoje, tal como nos alvares da era das missões, quando imperava o paganismo dos Césares, os que seguem nos passos de S. Paulo, o maior dos missionários, podem, e devem, afirmar como ele, alto e sem rebuços: «Não me envergonho do evangelho de Cristo, pois é o poder (dinamite, do grego dynamis) de Deus para a salvação de todo aquele que crê...». (Romanos 1:16).

Há alguns anos, um governador de uma república sul-americana, cujo território compreende uma numerosa população de índios ainda imersos no mais profundo feiticismo, afirmava: «O papel das missões, ou mais propriamente do missionário, deve merecer o respeito e consideração de todos. Ele não tem máquinas para vender aos naturais dessas terras menos favorecidas, também lhes não vende pólvora, armas de fogo, álcool ou ópio. Possui porém o segredo de os tornar pacientes, humanos, temperantes, laboriosos e morais. Livra-os do terror dos «espíritos» e dos seus vícios degradantes.

«Eu conheço a vossa obra (falando das missões adventistas), e felicito-vos. Vós os libertais do inferno do álcool, do tabaco, da noz de betel. Vós os corrigis dos seus vícios e da paixão do jogo. O desenvolvimento físico dos meus compatriotas que vós realizais é simplesmente maravilhoso. E nesta obra as vossas esposas não ficam ociosas. Informe-me de que elas ensinam às jovens índias os deveres domésticos, como também a higiene e a limpeza».

Aqui, em Moçambique, como noutros territórios portugueses, e a exemplo do que é feito em toda a actividade adventista no Mundo, esta obra não é somente realizada pelos missionários brancos. Estes preparam os seus conversos nativos que, perfeitamente adaptados à evangelização dos seus irmãos de raça no seio do seu próprio povo, continuam a mesma tarefa.

Daremos a palavra a alguns dos nossos catequistas e obreiros bíblicos, para que nos contem, com as suas expressões, algumas experiências do seu ministério junto do povo.

Escreve um, que assim intitula a sua experiência:

«Fidelidade, fonte de bênçãos». «Mãe idosa — 70 anos — move-se com a ajuda de moletas. Vivía triste e sem esperança na vida. Veio uma vez ao culto e encontrou tanto conforto, que nunca mais deixou de vir adorar a Deus. Encontrou Jesus e Ele a encontrou a ela. Um dia veio perguntar-me ao ouvido: «quanto devo dar ao meu Senhor pelas bênçãos que Ele me tem dado? Ofereça-lhe o que o seu coração lhe disser, respondi».

Outro, conta a sua experiência que intitula:

«Uma mulher pagã que deixa uma luz acesa na igreja»

«Procurando eu um membro extraviado da minha igreja, encontro no caminho uma mulher muito doente e já sem esperança de se curar porque se tinha entregue nas mãos do feiticeiro. Procurei, contudo, levá-la ao hospital da Missão Adventista, mas morreu



no caminho. A sua família não era cristã. Fui a casa consolar sua mãe e, para espanto meu, esta pediu-me para cantar um hino. Juntamente com alguns crentes nossos cantámos o hino:

Eu avisto uma Terra feliz,
Onde irei para sempre morar;
Há mansões nesse lindo país,
Que Jesus foi ao Céu preparar.

«Fiz oração, convidei todos os presentes para a igreja e no Sábado seguinte, aquela casa de culto, habitualmente com pouca gente, agora estava cheia, e assim continuou. Assim a morte de uma mulher pagã trouxe vida e luz para dentro de uma igreja moribunda e escura.»

«O padre quer falar contigo».

«Foi o recado que o catequista me trouxe da parte do Sr. cura», diz outro obreiro nosso. «Fiquei à espera de saber qual era a necessidade do padre (!). Mas fiquei desconfiado que esse emissário, que se fazia acompanhar por quatro jovens fortes, viesse lutar comigo. Finalmente chegou o sr. padre que vinha pedir-me um favor. Era para cantar com os meus alunos alguns hinos adventistas que ele desejava gravar.

Cantámos diversos hinos, mostrei o rolo de imagens, que o sr. padre mostrou também o desejo de possuir. Por meio desse rolo illustrei a passagem que li nas Sagradas Escrituras e que diz: «Eis que vêm dias diz o Senhor, em que enviarei fome sobre a terra, não fome de pão, nem sede de água, mas de ouvir as palavras do Senhor» (Amós 8:11).

O padre levou a gravação para a sua catequese e fazia os seus alunos escutar os hinos adventistas. E ainda se esforçou para que os seus alunos adquirissem também o hinário adventista na sua língua».

Estes cânticos que falam da Fé e entoam a alegria dos corações em que Cristo habita, são entoados cada Sábado, por cerca de 17.000 membros, crianças, jovens e adultos, das 155 escolas sabatinas e filiais espalhadas por toda a vasta Província de Moçambique.

Mais uma vez, as experiências narradas neste Suplemento Missionário da Revista Adventista, bem como as fotografias que as acompanham, mostrarão até à saciedade, àquele nosso amigo e também aos nossos amáveis e habituais leitores, que, valem a pena as Missões!

P. B. RIBEIRO
Director da Associação das Igrejas
Adventistas do Sétimo Dia de Moçambique



A **HUMANIDADE** em marcha
para um destino admirável

UM NOVO MUNDO VAI SURGIR
QUANDO? COMO? PORQUÊ?

As surpreendentes revelações contidas na

B Í B L I A

dão-nos a resposta.

Que será este mundo?... «O LIVRO» que conta 34 séculos de existência
mas que é sempre actual, responde cabal e plenamente.

LÊDE A BÍBLIA!

APRENDEI A CONHECÊ-LA!

Para vos ajudar, ouvi as emissões da **Voz da Profecia**

A VOZ DA ESPERANÇA

<i>Emissores Associados de Lisboa</i>	ondas de 188 m, 1594 KC —	Domingos às 09.00 h.
<i>Emissores do Norte Reunidos</i>	ondas de 190 m, 1578 KC —	Sábados » 21.15 h.
<i>Rádio Club Mindelo</i>	ondas de 62 m, 4755 KC	Terças » 18.45 h.
		Quintas » 18.45 h.
<i>Rádio Moxico — Luso</i>	1214 e 5137 KC —	Domingos » 19.00 h.
<i>Rádio Benguela</i>	5042 e 7160 KC —	Segundas » 20.30 h.
<i>A Voz de Luanda</i>	1547 KC —	Terças » 19.30 h.
<i>Rádio Nova Lisboa (Huambo)</i>	ondas de 41, 59 e 238 m —	Terças » 20.00 h.
<i>Rádio Moçâmedes</i>	5015 e 1331 KC —	Quartas » 18.30 h.
<i>Rádio Comercial de Angola, Sá da Bandeira</i>	—	Quartas » 20.30 h.
<i>Rádio Malanje</i>	ondas de 60, 76 e 42,15 m —	Quintas » 19.30 h.
<i>Rádio Huila e Sá da Bandeira</i>	ondas de 30, 60, 75 e 220 m —	Sextas » 20.30 h.

ou peça hoje mesmo o **Curso Bíblico por Correspondência**

prático, simples e gratuito

ESCOLA BÍBLICA POSTAL — Apartado 1030 — Lisboa-1
— Caixa Postal, 3 — Nova Lisboa
— Caixa Postal, 1468 — Lourenço Marques



**A Terra tremeu na Sicília
e o socorro adventista
não se fez esperar.**

